

Um caso

A case

DANIELA MOLINI

RESUMO:

O presente trabalho problematiza a noção de caso na clínica psicanalítica, questionando a tendência a conceber o sujeito como uma unidade psicológica vinculada a uma realidade externa. A partir de uma leitura lacaniana, contrapõe-se a constituição psicológica – que busca uma totalidade no sujeito – com o sujeito dividido, efeito da estrutura da linguagem e do jogo significante. O escrito problematiza a multiplicidade de interpretações que costumam surgir sobre um mesmo caso e argumenta que isso não acontece simplesmente por uma carência técnica, mas a partir da adesão a posições teóricas divergentes sobre o estatuto do sujeito e da realidade. Propõe-se uma virada de uma clínica da palavra como testemunho veraz para uma clínica da escrita e da leitura. Aqui, o analista não busca refletir uma realidade preexistente, mas, através da repetição e do uso da letra como ancoragem, circunscreve o caso. Definir um caso implicaria abandonar a ilusão de representação. Em vez disso, abonar por uma orientação que ilumine o compromisso de uma existência ao jogo dos elementos simbólicos.

PALAVRAS-CHAVE: sujeito – significante – realidade – representação – escrita – letra – unidade – multiplicidade.

ABSTRACT:

The present paper problematizes the notion of the case in psychoanalytic practice, questioning the tendency to conceive of the subject as a psychological unity linked to an external reality. Drawing on a Lacanian reading, it contrasts psychological constitution—which seeks a totality in the subject—with the divided subject, which is an effect of the structure of language and the play of the signifier. The paper problematizes the multiplicity of interpretations that often arise regarding the same case and argues that this does not occur merely due to a technical deficiency, but rather stems from adherence to divergent theoretical positions regarding the status of the subject and reality. It proposes a shift from a clinic of the word as truthful testimony to a clinic of writing and reading. Here, the analyst does not seek to reflect a pre-existing reality; rather, through repetition and the use of the letter as an anchor, the analyst circumscribes the case. Defining a case would imply abandoning the illusion of representation. Instead, it advocates for an orientation that illuminates the commitment of an existence to the play of symbolic elements.

KEYWORDS: subject – signifier – reality – representation – writing – letter – unity – multiplicity.

“Na prática analítica, situar o sujeito com respeito à realidade tal como se supõe que nos constitui, e não com respeito ao significante, já equivale a cair na degradação da constituição psicológica do sujeito.”¹

¹ Lacan, J. (1987). *El seminario. Libro 11: Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós.

Introdução:

O que permite definir que um caso clínico seja um só e que suas interpretações não o convertam em uma multiplicidade? O que delimita seu todo e determina que elementos o compõem? Recentemente escrevi um trabalho intitulado *No hay representación o la realidad en psicoanálisis*,² do qual explico aqui parte das conclusões junto a estes interrogantes que surgem ao pensar, então, o que é um caso.

Cernir o que se considera um caso depende da posição que tenhamos a respeito do estatuto do sujeito. Guiando-nos pelo postulado por Lacan na conferência que ditou em Baltimore,³ apresenta-se o problema de que a estrutura implica a ideia de unidade, mas na psicanálise o sujeito, sendo parte desta, ao mesmo tempo é algo abjeto e não pode identificar-se simplesmente com o falante ou com o pronome pessoal de uma oração. Assim é como denunciam os psicanalistas que renunciam à sua função e, a modo de solução para sustentar a ideia de unidade, voltam a guiar-se por uma Psicologia Geral, em uma pretensão de somar dados que se uniriam em uma personalidade total de quem consulta. Então, podemos ordenar duas posições possíveis. Uma implicaria uma âncora de verdade fixa e imutável, referida a uma somatória: o mundo exterior real, mais os desejos e pulsões pertencentes a uma bagagem filogenética.⁴ A outra, surge da estrutura da linguagem, cuja referência clássica para a verdade fica desabitada, implicaria alguma ideia de infinito, e seu limite chama à outra lógica.

A pergunta de por que em uma discussão coletiva veríamos aparecer algo múltiplo sobre a análise de um mesmo caso, em opiniões tão diversas segundo os psicanalistas que participem, poderia responder-se tanto pelas diferenças que surgem a partir destas duas formas de circunscrever o sujeito, mas também, ainda que por outro lado, pelo efeito que pode produzir sustentar uma teoria do significante que esvazia o lugar do referente e coloca o sujeito no lugar do objeto *a* que é necessário encontrar. Ocupar-me-ei deste problema.

1. Não há mimesis

A mimesis é uma noção complexa. Foi simplificada desde uma concepção platônica como algo desmerecido por ocasionar uma reprodução falsa do mundo das ideias, por exemplo, na arte como uma

² Molini, D. (2025). No hay representación o la realidad en Psicoanálisis. *Premio Facultad de Psicología 40º Aniversario de la facultad de Psicología de la UBA*, pp. 35-55.

³ Lacan, J. (1966a). *De la estructura como mezcla de una alteridad, prerequisite a cualquier sujeto*. Em *Pas-tout Lacan*.

⁴ Freud, S. (2007a). El aparato psíquico y el mundo exterior, Esquema de psicoanálisis. Em *Obras Completas: Sigmund Freud (Vol. XXIII)*. Buenos Aires: Amorrortu.

cópia de cópia, que impediria o conhecimento. Em contrapartida, em Aristóteles há uma defesa disso, ponderando a representação como algo possível. Também, se podem fazer outras leituras estudando o que em Platão se chama mimesis eikiástica, desde a qual se poderia realizar uma boa imitação na poesia ou no teatro, como ferramenta de acesso à verdade.⁵ O certo é que, desde certa tradição filosófica, estas concepções implicam a emulação de um campo no outro, que poderiam manter alguma aspiração de veracidade, em um sistema de pensamento dualista.

Na teoria freudiana, podemos captar alguma postulação da mimesis em relação ao que é do âmbito da palavra, em sua concepção de representação e em sua teoria da memória. Parafraseando Lacan, coloca-se uma diferença entre o objeto – ou o fato – e a representação deste, entendida como palavra que o evoca mentalmente, além de que, neste mesmo sentido, se poderia reconhecer uma relação freudo-aristotélica entre o universal e o particular.⁶ E se, de alguma maneira, consideramos a ideia de representação freudiana como homóloga ao significante de Lacan, isso poderia provocar um uso errôneo, igualando-o a uma concepção de palavra como nominativa. No trabalho citado, ocupo-me do Problema dos Universais, em relação ao estatuto da existência das coisas abstratas, que compõe o contexto desta concepção.

Com Lacan, vemos cair a concepção de totalidade originária, que não haveria. Pelo contrário, a completude é o engano, como projeção em uma imagem, e o resultado são dois lugares não homólogos. Além disso, é importante sublinhar que ele substitui a noção de representação pela de apresentação do objeto *a* entre analista e analisando.⁷

Se não falássemos especificamente do significante de Lacan, pelo menos servir-nos-ia partir de pensar que cada palavra é uma metáfora, como nos indica Borges citando Leopoldo Lugones. Isso poderia implicar levar em conta os usos anteriores ou simultâneos àquele que se está utilizando em uma frase, ainda que seja necessário esquecer os caminhos etimológicos para poder entendê-las atualmente. Por exemplo, um candidato já não é um homem vestido de branco.⁸ Focar nessa característica de uma língua, permite-nos postulá-la como constitutiva de um mundo, como uma pauta musical, onde uma palavra não é uma, já que participa de diversos usos da fala, imagens, outras palavras e um conjunto de coisas.

Este tipo de concepções enquadra-se no debate que se inicia com a linguística. Questiona-se a noção da língua como um sistema para nomear com palavras as coisas, deixando esse problema do lado da filosofia. A tarefa passa a ser questionar os supostos convencionalismos para juntar os significados aos significantes.

⁵ Torres, J. B. (2024). La noción de mimesis en la filosofía platónica: imagen y terapia entre el arte y la ética. Em *Isegoría*: Ed Csic.

⁶ Lacan, J. (1978). *Conferencia en la UNESCO: El sueño de Aristóteles*. Em Pas-tout Lacan.

⁷ Ibidem.

⁸ Borges, J. L. (1963). *Conferencia La Metáfora*. (vídeo). Em YouTube.

A partir desse contexto, a inversão do signo saussuriano no algoritmo de Lacan,⁹ que promove a parte superior ao significante, ressalta seus jogos combinatórios, para depois sim entrar no significado e compor um sujeito. Assim, propõe um modelo que esvazia a ideia, tanto de referente substancial, como da arbitrariedade da união dos dois elementos. Passo de Lacan que se inscreve em um longo processo da história do saber ao redor da questão do signo.

E ninguém deixará de fracassar se sustenta sua pergunta, enquanto não nos tivermos desprendido da ilusão de que o significante responde à função de representar o significado, ou digamos melhor: que o significante deva responder de sua existência a título de uma significação qualquer.¹⁰

Assim, lança luz aos mecanismos da língua em sua inventiva própria, como um jogo de signos que não dependem de alguém em particular. A orientação de Lacan é o abandono da crença na representação, consequência da queda da ideia do mundo como o “todos”.¹¹ Este foco enquadra as concepções que possibilitam uma clínica lacaniana, que limitam a possível arbitrariedade de um sujeito que ordenaria essa união, ou que deveria ordená-la. Ideia que Lacan leva ao extremo, considerando a autonomia do significante em relação ao significado, para daí pensar o inconsciente. Portanto, no terreno do significante, tanto o “algo” como o “alguém” se transtornam como referentes.

2. A realidade e o caso

Isto não é só para deixar pateta mediante um golpe baixo o debate nominalista, mas para mostrar como o significante entra de fato no significado, a saber, sob uma forma que, não sendo imaterial, levanta a questão do seu lugar na realidade. (...) ¹²

Como nos adverte Alfredo Eidelsztein, embora nos nomeemos psicanalistas, se considerarmos inexatamente que a psicanálise é a clínica da palavra e que a palavra é testemunho,¹³ que refere a uma existência de fato¹⁴ anterior e primeira, inevitavelmente isso nos levará a confundir o material com o qual

⁹ Lacan, J. (2007). La instancia de la letra en el inconsciente o la razón desde Freud (1957). Em *Escritos 1*. Buenos Aires: Siglo XXI.

¹⁰ Lacan, J. (2002). Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano (1960). Em Lacan, J. *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo XXI. p. 465.

¹¹ Lacan, J. (1978). Op. cit. p. 1932.

¹² Lacan, J. (2007). Op. cit. p. 467.

¹³ Eidelsztein, A. (2025). *Entrevista: Preguntas a Alfredo Eidelsztein*. (vídeo). Em *Experiencia Tavis*. Ep. 20. YouTube.

¹⁴ Lacan, J. (1966b). Clase del 7 de diciembre de 1966. Em *Seminario 14. La lógica del fantasma*. Versión crítica. Traducción de Rodríguez Ponte, R. p. 08.

trabalhamos. Poderia acarretar, inclusive, uma espécie de avaliação do grau de normalidade ou inteligência que o analisando porta. Como se nosso trabalho como analistas se tratasse de ajustar as palavras com os sucessos, e se isso não ocorresse, nós deveríamos saber interpretar o que aconteceu, convertendo-nos nos guardiões de um uso da palavra como reflexo veraz do mundo.

Apesar do valor de ter dado existência de realidade às fantasias inconscientes,¹⁵ Freud sustenta duas realidades opostas, mas que deveriam comparar-se e somar-se: a realidade material (como externa, real, verdadeira) e a realidade psíquica (como interna, cópia mais ou menos verossímil da externa, mais desejos, fantasias e ilusões). Concepção que sustenta até o final de sua obra. Diz-nos que, apesar de considerar o real-objetivo como algo que permanecerá não discernível pela incapacidade dos nossos órgãos sensoriais, pode-se comparar o labor da psicanálise com o labor científico como a possibilidade de perceber desde os sentidos e produzir uma:

[...] intelecção de nexos e relações de dependência que estão presentes no mundo exterior, que no mundo interior do nosso pensar podem ser reproduzidos ou espelhados de alguma maneira confiável [...].¹⁶

Diferentemente, sobre as especificações que se podem fazer no que é considerado realidade na obra de Lacan e sua relação com o que se considera material, o abandono que ele faz da dualidade lança-nos à relatividade introduzida pelo inconsciente, a qual é uma relatividade restrita porque:

Implica uma realidade ela mesma como material, isto é, não interpretável a título, diríamos, da prova que ela constituiria para outra realidade que lhe seria transcendente: já seja que se coloque esse termo sob a rubrica do coração ou da mente.¹⁷

Outro enfoque radicalmente diferente para pensar a ciência e o sujeito. No artigo mencionado, chego a uma ideia de realidade, desde a teoria Lacan, que objeta as dicotomias do interno e do externo, da realidade psíquica e da realidade concreta, do abstrato e do tangível, como se um fosse a mimesis do

¹⁵ Freud, S. (2007a). 23º conferencia. Los caminos de la formación de síntoma (1917). Em J. L. Etcheverry (Trad.). *Obras Completas: Sigmund Freud (Vol. XVI)*. Buenos Aires: Amorrortu. p. 336.

¹⁶ Freud, S. (2007b). El aparato psíquico y el mundo exterior. Esquema de psicoanálisis. Em J. L. Etcheverry (Trad.). *Obras Completas: Sigmund Freud (Vol. XXIII)*. Buenos Aires: Amorrortu. p. 198.

¹⁷ Lacan, J. (2021a). Del Psicoanálisis en sus relaciones con la realidad (1967). Em *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós. p. 373.

outro. Postula o campo que abre a experiência da psicanálise como uma realidade unívoca, de base discursiva, a qual não precisa comparar-se com uma mais verídica, externa e objetiva.¹⁸

3. Duas posições para dar estatuto a um sujeito

1. **Constituição psicológica:** se o estatuto do sujeito se confunde com uma constituição, o recorte apontará a uma ideia de unidade unificadora tanto do organismo quanto da mente,¹⁹ onde o acontecido em uma suposta realidade material e tangível se postula como a verdade calcada mais ou menos precisamente no psiquismo, implicando uma ideia de memória que Freud assemelhou ao bloco mágico.²⁰ Nesta teoria, a realidade exterior seria a verdadeira. No entanto, o todo se considera interno e se postula como maior que a soma de suas partes. Assim, provoca-se a circunstância de circunscrever um ilhéu psicológico que deixa o sujeito em um lugar de indigência, desamparado de sua realidade.²¹ Ou seja, sem Outro, fora do discurso, portanto do laço e da lógica do objeto *a* – a que implica a incompletude e é efeito das operações de alienação e separação. Ali, o discurso como laço social, no qual o analista é parte do caso para circunscrever o sujeito, não conta, ainda que se fale de transferência.
2. **Sujeito dividido entre escrita e fala:** a realidade postulada por Lacan está dada pela interação circular, não dicotômica, da existência lógica e a existência de fato, que implica o marco que dá o fantasma.²² Isso transtorna o que se pode considerar como material de um caso em sua versão tradicional. Assim, a escrita que se faz a partir da fala é o material.²³ Ali, o sujeito é efeito de outro tipo de unidade, a unidade da contagem, que precisa de pelo menos uma repetição para constituir-se.²⁴ É fruto da leitura do analista no laço com o analisando. A coisa não é anterior à primeira marca, assim como é com o segundo significante que pode dar existência ao primeiro. A contagem implica que o dois deve repetir o um para que este exista, dando como resultado uma diferença. É nessa diferença que o sujeito – ou tema – se poderia definir. Portanto, não interessaria nenhum sujeito psíquico que contenha nenhuma unidade, nem verossimilhança com um mundo externo.

¹⁸ Ibidem. p. 371.

¹⁹ Lacan, J. (1966a). Op. cit. p. 1010.

²⁰ Lacan, J. (1971). *Lituraterre*. Em Staferla. p. 23.

²¹ Lacan, J. (1987). *El seminario. Libro 11: Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. p. 148.

²² Lacan, J. (1966b). Op. cit.

²³ Lacan, J. (1971). Op. cit.

²⁴ Lacan, J. (1966a). Op. cit.

Hilbert,²⁵ um dos autores que fazem de contexto à inversão do signo saussuriano de Lacan, considerou que a bateria axiomática de um sistema formal valeria por ela mesma, independentemente de sua capacidade para representar o que seja; esse todo não é o plano ou a cópia de um território mundano, mas um objeto do mundo como todos os outros no que faz ao seu grau de existência.²⁶ Poderíamos pensar algo similar em relação à bateria significativa de um caso. E ainda que distingamos uma clínica que, então, não é simplesmente da palavra e da escuta, mas, mais exatamente da escrita e portanto da leitura, de qualquer forma, a escrita não calca nada, não se imprime uma experiência em palavras escritas.²⁷ O que se escreve é produto da leitura mediante uma estratégia: que em diversos relatos do analisando, que se apresentem imaginariamente dissimilares, a estrutura da cena se denote a mesma, e ali vislumbrar uma insistência. Para que algo se tome como repetição, a marca deve ter o efeito de apagar as diferenças, mas estas não desaparecem como possibilidade, mais ainda a partir do que se pode obrigar a mudar ao produzir o escrito como material.²⁸

Essa potência de diferenciação e releituras é efeito da estrutura da linguagem. Assim, a impossibilidade da mesmice nos empurra à ideia de infinito, pelo poder do raciocínio por recorrência.²⁹ Por este caminho poderíamos chegar a conceber o mesmo paradoxo que Cantor encontrou no paradoxo da dicotomia de Zenon, se cremos que Aquiles pode alcançar a tartaruga, será admitindo que o todo não é maior que a soma de muitas das suas partes.³⁰ Pensando assim, dentro do que chamaríamos o todo de um caso, a subdivisão dos elementos significantes poderia formar uma série infinita. O que faz de limite, de litoral, dependerá do que se possa escrever e, assim, definir as partes que contam nesse todo.

Lacan nos orienta sobre o limite do efeito infinito que implica a estrutura da linguagem esvaziada de ancoragem referencial ou significado transcendental:

[...] É a letra [...] promovida como referente tão essencial como toda coisa, e isso muda o estatuto do sujeito.³¹

²⁵ David Hilbert (Königsberg, Prússia Oriental; 23 de janeiro de 1862 – Gotinga, Alemanha; 14 de fevereiro de 1943) foi um matemático alemão, reconhecido como um dos mais influentes do século XIX e princípios do XX.

²⁶ Le Gaufey, G. (2012). Capítulo 3.2. Lacan en cuanto a la letra. Em Le Gaufey, *La incompletud de lo simbólico. De René Descartes a Jacques Lacan*. Buenos Aires: Ed Letra Viva. Ediciones Lecol. p. 148.

²⁷ Lacan, J. (1971) Op. cit. pp. 23-25.

²⁸ Ibidem. p. 10.

²⁹ Kasner, E.; Newman, J. (1985). Más allá del gúgole. Em Kasner y Newman, *Matemáticas e imaginación*. Buenos Aires: Hyspamérica Ediciones Argentina, S.A. p. 46.

³⁰ Ibidem. p. 49.

³¹ Lacan, J. (1971). Op. cit. p. 27.

Para sua identificação, ele se apoia sobre um céu constelado, e não só sobre um traço unário.³² A interação do jogo significante não é unicamente em sua sucessão metonímica e da unidade para sua contagem, mas mais ainda em sua relação metafórica, que implica que um elemento emergja à condição de que substitua a outro, que ao mesmo tempo lhe deve sua existência e compõe um sujeito. É a letra como tal a que sustenta o significante segundo sua lei de metáfora.³³

Conclusão:

Fica justificado que é possível que as numerosas leituras que se podem fazer de um mesmo caso dependam, então, de confundir a composição de um sujeito dependente do jogo significante, com a constituição psicológica. E que, portanto, estejamos falando de mundos teóricos radicalmente distintos. Mas também, a possibilidade das múltiplas leituras pode ser dada pela concepção na qual se apoia a clínica lacaniana em sua definição do significante. Assim, pode ser que o debate clínico se eternize e, pergunto-me, se isso faz com que um caso se converta em tantos casos quantas opiniões haja. Mas se sustentamos que é um, parece pertinente orientar-se, ponderando a função do analista do caso, precisando a definição de repetição, esclarecendo-nos em uma adequada concepção de unidade e permitindo deixar-nos conduzir pelo que o conceito de letra nos traz como único ancoradouro referencial, onde, em um segundo tempo, o todo é plausível de descompletar-se, dando a possibilidade de transformação do sujeito.

³² Ibidem.

³³ Ibidem. p. 11.

BIBLIOGRAFIA:

1. Borges, J. L. (1963). Conferencia La Metáfora (Video). Em YouTube.
2. Borges, J. L. (2012). La perpetua carrera de Aquiles y la tortuga. Avatares de la tortuga. 1932. Em Borges, J. L. *Discusión*. Buenos Aires. Ed. Debolsillo.
3. Borges, J. L. (2012). Em Borges, J. L. *Discusión*. Buenos Aires: Ed Debolsillo.
4. Eidelsztein, A. Entrevista: *Preguntas a Alfredo Eidelsztein*. (Video) Em *Experiencia Tavitl Ep.20*: YouTube.
5. Freud, S. (2007a). 23° conferencia. Los caminos de la formación de síntoma. 1917. Em J. L. Etcheverry (Traduc.). *Obras Completas: Sigmund Freud (Vol. XVI)*. Buenos Aires: Amorrortu.
6. Freud, S. (2007b) El aparato psíquico y el mundo exterior. Esquema de psicoanálisis. Em J. L. Etcheverry (Traduc.). *Obras Completas: Sigmund Freud (Vol. XXIII)*. Buenos Aires: Amorrortu.
7. Kasner, E. y Newman, J. (1985). Más allá del gúgole. Em Kasner, E. y Newman, J. *Matemáticas e imaginación*. Buenos Aires: Hyspamérica Ediciones Argentina, S.A.
8. Lacan, J. (1966a). *De la estructura como mezcla de una alteridad, prerequisite a cualquier sujeto*. Em Pas-tout Lacan.
9. Lacan, J. (1966b). Clase del 7 de diciembre de 1966. Em Lacan, J. *Seminario 14. La lógica del fantasma*. Em R. Rodriguez Ponte, *Versión Crítica*.
10. Lacan, J. (1971). *Lituraterre*. Em Staferla.
11. Lacan, J. (1978). Conferencia en la UNESCO: *El sueño de Aristóteles*. Em Pas-tout Lacan.
12. Lacan, J. (1987). *El seminario. Libro 11: Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós.
13. Lacan, J. (2002). Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano. Em Lacan, J. *Escritos 2*. Buenos Aires: Siglo XXI.
14. Lacan, J. (2007). La instancia de la letra en el inconsciente o la razón desde Freud. Em Lacan, J. *Escritos 1*, Buenos Aires: Siglo XXI.
15. Lacan, J. (2021a). Del Psicoanálisis en sus relaciones con la realidad. Em Lacan, J. *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós.
16. Lacan, J. (2021b). Lituratierra. Em Lacan, J. *Otros Escritos*. Buenos Aires: Paidós.
17. Le Gaufey, G. (2012). Capítulo 3.2. Lacan en cuanto a la letra. Em Le Gaufey, G. *La incompletud de lo simbólico. De René Descartes a Jacques Lacan*. Buenos Aires: Ed Letra Viva. Ediciones Lecol.
18. Molini, D. (2022). *La/El analista es parte del caso*. Em El Sigma.
19. Torres, J. B. (2024). La noción de mimesis en la filosofía platónica: imagen y terapia entre el arte y la ética. Em *Isegoría*: Ed Csic.

DANIELA MOLINI

Psicanalista. Estudou Licenciatura em Psicologia (UBA). Formou-se em psicanálise em diversas instituições. Foi residente no Neuropsiquiátrico Hospital B. Moyano (Bs. As.). É Especialista em Psicologia clínica com orientação psicanalítica (UBA). É pesquisadora. Escreveu e publicou vários artigos. Desde 2025 é sócia da APOLA.

E-mail: danielaamolini@gmail.com